

TRADIÇÃO, ORALIDADE E RESISTÊNCIA EM *HAROUN E O MAR DE HISTÓRIAS*, DE SALMAN RUSHDIE

Analice Sampaio
Profª Drª Telma Borges
Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar *Haroun e o mar de histórias*, de Salman Rushdie, com base no conceito de tradição e sua relação com narrativas orais. Para tanto, metodologicamente, fazemos uso de Octavio Paz, quando discute o termo tradição; José Carlos Sebe Meihy, que discute o que é oralidade; Acildo Leite da Silva, o qual apresenta a ideia de tradição oral; Walter Benjamin, a partir do conceito de narrador tradicional e Jacques leGoff, que apresenta o conceito de memória. A partir do engendramento dessas reflexões teóricas em relação à narrativa de Rushdie, concluímos que a personagem do contador de histórias, Rashid Khalifa, além de ser o guardião das memórias da sua comunidade, é porta-voz de um discurso que se institui como resistência aos valores cristalizados e opressores de alguns grupos dentro daquela comunidade.

Palavras-chave: Salman Rushdie, *Haroun e o mar de histórias*, tradição, oralidade, memória, resistência.

Abstract: This paper aims at analyzing *Haroun and the sea of stories*, by Salman Rushdie, based on the concept of tradition and its relationship to oral narratives. In order to do so, methodologically, we make use of Octavio Paz, when he discusses the concept of tradition; José Carlos Sebe Meihy, who discusses what orality is; Acildo Leite da Silva, who presents the idea of oral tradition; Walter Benjamin, who discusses the notion of traditional narrator; and Jacques le Goff, who presents the concept of memory. After dialoguing with these theoretical concepts in relation to Rushdie's narrative, we conclude that the story teller, Rashid Khalifa, besides being the guardian of the memories of his community, is the spokesman of a discourse which imposes itself as resistance to crystallized and oppressing values from the part of some groups within the community.

Palavras-chave: Salman Rushdie, *Haroun and the sea of the stories*, tradition, orality, memory, resistance.

O livro *Haroun e o Mar de Histórias*, principal fonte e ponto de partida do presente trabalho, integra a obra do autor anglo-indiano Ahmed Salman Rushdie. Sua primeira edição foi publicada em 1990 na cidade de Nova York, e por se tratar de um conto de fadas, é conhecido como a produção mais leve do autor.

Foi o primeiro livro publicado por Rushdie depois de sua polêmica obra *Versos Satânicos*. Este foi supostamente apontado como ofensivo à religião islâmica e também ao profeta Maomé e, embasado nessa acusação, a sentença do fatwa, condenação à morte pelo regime político do então aiatolá Khomeini do Irã, foi proferida contra o autor em 14 de fevereiro de 1989; como resultado Rushdie vive até hoje em endereço ignorado, temendo por sua vida.

Apesar de ser classificada como um conto de fadas, *Haroun e o Mar de Histórias* também possui um caráter sóbrio, pois aborda temas complexos como censura e intolerância (questões enfrentadas pelo próprio autor) e, por isso, é possível dizer que Rushdie insere nessa narrativa episódios de seu próprio cotidiano, apesar de ser impossível estabelecer quantas referências desse gênero há realmente em *Haroun e o Mar de Histórias*. É uma narrativa na qual existem inúmeras metáforas e diálogos com obras famosas como, por exemplo, o clássico *Mil e Uma Noites*. É voltada para o público infanto-juvenil e retrata a celebração da alegria de contar histórias e o prazer de ouvi-las.

O relato conta a história do menino Haroun, filho único do casal Rashid e Soraya Khalifa. Os três vivem como uma família feliz e de tranquila convivência, apesar de morarem em uma cidade cujo narrador descreve, de um modo geral, como um lugar triste e monótono: “Haroun foi criado numa casa onde, em vez de tristeza e rugas na testa, havia o riso fácil do seu pai e a voz doce da sua mãe cantando canções que voavam pelo ar.” (RUSHDIE, 1998, p.10). Rashid Khalifa, pai do menino Haroun, é um famoso contador de histórias, conhecido de toda cidade e também de seus arredores. Sua alegria e seus contos fantásticos encantavam a todos; em consequência disso muitos o admiravam, inclusive seu filho Haroun, que o acompanhava sempre que possível. As histórias contadas representavam a identidade do povo, parte de seu patrimônio cultural, ou seja, sua tradição. O dom de contar histórias também lhe rendeu alguns inimigos, que o invejavam devido à grande influência que ele tinha sobre as pessoas da cidade.

Tudo corria bem na casa dos Khalifa até o dia em que Soraya resolveu sair de casa e abandonar sua família, influenciada por um dos inimigos de seu marido. Para ela, a imaginação e as histórias do esposo haviam se tornado inúteis, motivo pelo qual ela começa a se perguntar: “pra que servem essas

histórias que nem sequer são verdade?” (RUSHDIE, 1998, p.17). Este também será o grande questionamento tratado pela narrativa e a resposta a essa pergunta será a chave para a resolução de toda sua problematização.

Diante da fuga e indiferença da mulher, Rashid Khalifa “perde” o dom de contar histórias e, conseqüentemente, seu principal meio de sobrevivência. As narrativas tinham o poder de atrair a atenção do público e envolver suas emoções, por isso muitos políticos ofereciam dinheiro para o contador de histórias, esperando conquistar os votos dos eleitores, pois o povo tinha fé em Rashid. Ele admitia que suas histórias não eram reais, diferente dos políticos que contavam mentiras e enganavam o povo.

A distração e alegria causadas no povo quando Rashid conta histórias é produto também da identificação do público com os relatos ouvidos. Rashid se torna símbolo da cultura do povo. Suas histórias carregam a identidade da população. Quando ele perde seu dom, o povo perde o representante de sua cultura; os políticos também não veem mais utilidade nele e o contador de histórias fica sem sustento.

Rashid Khalifa também fica pessoalmente frustrado ao notar que perdeu seu dom de contar histórias. Ele verdadeiramente acreditava no poder e na magia que as narrativas possuíam e, ao ser abandonado por sua esposa, também começa a se questionar qual a verdadeira utilidade de seu dom. É quando, então, ele percebe que, muito além de sua boca, seu coração estava vazio. A comunidade também fica desamparada, uma vez que a tradição do povo era transmitida juntamente com as histórias: costumes, valores, crenças e até mesmo notícias eram repassados no momento em que o contador abria sua boca e deixava que as palavras fluíssem pelo ar. O fim do dom de contar histórias significa uma ruptura na tradição da comunidade.

Haroun, comovido com a situação do pai, resolve ajudá-lo e, através de um encontro inesperado com o gênio da água (criatura responsável por fornecer a água de histórias para os grandes contadores), embarca em uma fantástica aventura no incrível reino de Gup, onde está localizado o Grande Mar de Histórias. Por ajudar os cidadãos de Gup a vencerem seus inimigos e recuperar o grande mar de histórias, Haroun tem o direito de fazer um pedido: ele pede um final feliz para sua aventura e também para sua cidade triste.

Assim, Rashid Khalifa recupera seu dom de contar histórias e os três integrantes da família Khalifa voltam para casa, inclusive Soraya, que reconhece que cometeu um erro. Reunida novamente, a família retoma sua feliz convivência na cidade que não mais é conhecida como triste, mas como a cidade de Kahani que, em hindustani, significa “história”.

Por abordar temas tão relevantes do cotidiano, como a função da fala (oralidade), seus efeitos e papel social, o silêncio, a tradição e a memória coletiva, a narrativa foi escolhida para ser objeto de análise deste trabalho. Seu clímax e enredo convergem principalmente para o ato de contar histórias, por isso é necessária uma investigação a respeito dos elementos que compõem tal ato. Para tanto, são utilizados os trabalhos dos autores Octavio Paz, que aborda o conceito de tradição e ruptura, definindo-o a partir de suas contradições; Walter Benjamin, que descreve sobre a narrativa e o papel do narrador, o que dará suporte para identificar sua função e as possíveis consequências do fim do ato de contar histórias pelo personagem; e também Jacques Le Goff, que interliga memória, história e tradição oral.

Octavio Paz afirma que “entende-se por tradição a transmissão, de uma geração a outra, de notícias, lendas, histórias, crenças, costumes, formas literárias e artísticas, idéias, estilos;” (PAZ, 1984, p. 17). Para o autor, a tradição é transmissão, ou seja, para que a identidade de um povo seja mantida é necessário que os integrantes da comunidade transfiram para outros, mesmo que por meios indiretos, as características que a torna exclusiva, autêntica, pois essas informações, ao serem repassadas, carregam explícita ou implicitamente os traços da comunidade. A comunicação entre gerações gera um vínculo do passado com o presente.

O caráter dinâmico de reprodução das informações não torna a tradição vulnerável, ou seja, sujeita à descaracterização; pelo contrário, as diferenças que surgem entre uma geração e outra demonstram marcas impressas pela comunidade a que a tradição pertence, o que não rompe com sua continuidade, pois a transmissão enriquece ainda mais a tradição, tornando-a genuína.

Há vários tipos de relatos que, ao serem repassados, consolidam a tradição; entretanto, enfocaremos aqui o ato de contar histórias, objeto de

análise deste trabalho. Se tradição é transmissão, e as histórias, ao serem contadas ou recontadas, carregam em si a identidade do povo, conclui-se que o ato de contar histórias torna-se parte integrante de uma tradição, mais precisamente de uma tradição oral. Segundo Bom Meih, “a tradição oral é a expressão mais fiel da oralidade” (MEIHI, 2005, p. 116). Em *Haroun e o Mar de Histórias*, é através da fala que Rashid Khalifa conta suas histórias: as narrativas são contadas oralmente para seu público e, juntamente com elas, os traços culturais da sua comunidade. A Oralidade é descrita por Meih como sendo

o conjunto amplo de expressões verbais e compreende a mais larga gama de manifestações sonoras humanas. Pode-se dizer que, desde que se organize em códigos comunicantes, a oralidade é o repertório dos sons humanos articulados e caracterizados pela existência em sentido puro e precário. (MEIHY, 2005, p. 20).

A passagem acima demonstra que o personagem, ao contar histórias, usa a oralidade como meio de comunicação, que possui como característica a espontaneidade e, por ser assim tão genuína, torna-se parte integrante da cultura de um povo e constitui um elemento imprescindível para formação e caracterização de sua identidade. Rashid Khalifa, personagem contador das histórias, ao transmitir oralmente as narrativas, assume o papel de guardião dos valores de sua comunidade. Sua fala é de extrema importância, pois representa a preservação e continuidade da tradição do povo de Kahani. Sem o dom de narrar, a tradição fica desprotegida sem seu representante. Podemos comparar a ausência da tradição para a comunidade como um homem que olha no espelho e enxerga seu reflexo de forma embaçada. Ela ainda existirá, mas não sua essência, aquilo que a caracteriza como comunidade. O aspecto narrativo ocupa um espaço significativo em *Haroun e o Mar de Histórias*, seja na história do livro em sua totalidade (a própria obra constitui uma narração), seja nas histórias contadas oralmente por Rashid Khalifa.

A narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares e também em todas as sociedades; ela caminha junto com a história da humanidade. Caracteriza-se como um tipo de prosa que descreve uma ação ou uma série de ações que têm como objetivo contar uma história (ALEXANDER,

1976). O fato é a matéria da narração. Ele é imprescindível e essencial para a narrativa existir. Aquele que narra sempre relata algo a alguém. Além do fato, a narrativa é composta por outros elementos, tais como: os personagens (aqueles que são envolvidos no fato), o desenrolar da ação, o tempo em que o fato ocorreu, o lugar ou lugares onde ocorreu e a causa ou razão da ocorrência do fato (porque ele ocorreu). Para que haja narração é imprescindível que o fato e aqueles que o compõem estejam presentes, caso contrário ela não poderá existir (GARCIA, 2006). Os demais elementos são, portanto, facultativos.

Narrar é também transmitir, e essa transmissão de fatos, uma vez guardada na memória do ouvinte/leitor, e novamente repassada a outros, consolida uma tradição. Juntamente com os fatos narrados, valores, crenças e costumes são propagados e a identidade cultural de uma comunidade é construída. Quando Rashid Khalifa perde seu dom de narrar, a tradição de sua comunidade é ameaçada, já que a transmissão de valores, realizada através das histórias, é interrompida. Importante reflexão para esse fato é encontrada nas palavras de José Carlos Bom Meihy, que afirma:

Compreendo por literatura oral todas as narrativas transmitidas oralmente e com estrutura de conto, poesia, 'causos' não escritos e mantidos na tradição popular, esse manancial se constitui em base da organização cultural de um grupo que, sem isso, não teria garantida parte relevante de sua identidade. (MEIHY, 2005, p. 22).

Meihy, através dessas palavras, fortalece e reafirma o elo entre narração, oralidade e tradição, fundamental para o alcance dos objetivos deste trabalho.

O ato de contar histórias está presente em *Haroun e o Mar de Histórias* através dos episódios em que o personagem Rashid Khalifa reúne os mais diversos tipos de pessoas e começa a narrar relatos; a ele é atribuído o papel de contador. Sua habilidade ganha atenção do público:

Haroun acompanhava o pai sempre que possível, pois o homem era um mágico, isso ninguém podia negar. Era capaz de subir num palquinho improvisado no fim da rua, num beco cheio de crianças esfarrapadas e velhos desdentados, sentados de cócoras no chão de terra, e quando começava a falar, até as vacas que perambulavam

pela cidade paravam e empinavam as orelhas. (RUSHDIE, 1998, p. 12).

O povo de Kahani, ouvinte de Rashid, gostava das histórias com as quais se identificava, porque traziam parte de sua essência, de seu cotidiano. Walter Benjamim (1994) afirma que a natureza da verdadeira narrativa tem em si uma dimensão utilitária. O narrador é um homem que sabe dar conselhos, os quais são compostos pela sabedoria, que está se extinguindo. Assim, o contador de histórias ganhava mais e mais a atenção de seu público. Outras pessoas também viam uma utilidade nas histórias e conselhos de Rashid e tiravam proveito delas, os políticos da cidade e dos arredores percebem nas narrativas um meio eficaz de conquista de votos: contando histórias nos comícios, Rashid atraía o público para si e, conseqüentemente, eleitores para o candidato.

Ao relatar a reação do público de Rashid diante de suas histórias, Salman Rushdie estabelece um diálogo com a mitologia grega, através do episódio do músico e poeta Orfeu: Orfeu era filho de Apolo e da musa Calíope. Uma vez seu pai lhe presenteou com uma lira; quando ele a tocava, tinha o poder de encantar homens, animais e elementos da natureza. O mito conta ainda que Orfeu, não conformado com a morte de sua amada esposa Eurídice, foi até Hades pedi-la de volta e, graças ao seu instrumento, seu pedido foi concedido, ainda que temporariamente. Para Chevalier e Gheerbrant,

Orfeu se destaca sempre como o músico por excelência que, com a lira ou a cítara, apazigua os elementos desencadeados pela tempestade, enfeitiça as plantas, os animais, os homens e os deuses. Graças a esta magia da música, chega a obter dos deuses infernais a liberação de sua mulher Eurídice, morta por uma serpente, quando fugia das investidas de Aristeu. (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1997, p. 662).

A ligação entre esses dois episódios torna-se clara através das reações provocadas nos ouvintes: do som da lira, no caso de Orfeu, e das histórias contadas por Rashid, em *Haroun e o Mar de Histórias*, pois ambos possuíam um tipo de magnetismo capaz de atrair a atenção do público e elevar suas emoções. Acerca do público da narrativa, a narrativa tem nele uma amplitude imensurável, pois o leitor ou ouvinte interpreta livremente o que lhe é relatado, afinal as narrativas não são precisas e nem precisam passar por verificação. À

medida que o narrador conta uma história, o ouvinte identifica-se com os fatos citados. Sendo assim, mais facilmente ela ficará guardada na sua memória e no futuro será repassada a outros, conservando a tradição do grupo. De acordo com Acildo Leite da Silva,

a tradição oral, além de fortalecer relações entre pessoas e comunidades cria uma rede de transmissão de tipos distintos de conhecimento e de modo de vida. Essa relação de aprendizagem informal é importante na estruturação e consolidação da cultura do grupo. (SILVA, 2004, p. 5).

Rashid Khalifa, como contador de histórias, representa muito mais do que um simples narrador; ele incorpora o papel de guardião da tradição de sua comunidade. Os narradores, em geral, têm como fonte de suas narrativas as experiências, tanto as provenientes de sua própria vida quanto as que lhe são relatadas. Ao contar seus relatos ao público, tais contadores incorporam e adequam seu discurso aos ouvintes, o que constitui-se num atrativo para as histórias repassadas. Os contadores também acrescentam mais informações às experiências, alimentam o conhecimento e fortalecem seus valores, ou seja, sua tradição. Com suas palavras, Rashid Khalifa atrai sua plateia e também tem o papel de estimular os laços de integração social. Porém, ao perder a voz e não mais contar histórias, ele também perde a capacidade de manter a tradição e, portanto, a comunidade unida. O silêncio de Rashid significa a perda, ainda que temporária, do legado de sua comunidade.

A função atribuída aos contadores não é apenas a de reproduzir ou de inventar histórias. Seu papel na vida das pessoas é tão significativo que, à medida que são contadas e repassadas a outros, as histórias sobrevivem às gerações e continuam a ganhar vida na boca de outros contadores. Diante dos conceitos e relações expostos até o momento, é possível perceber que a tradição está ligada também ao fator memória. Se a tradição é transmissão, tal vínculo é justificado através da origem dessas informações. Para serem repassadas, é necessário que as informações transmitidas estejam anteriormente guardadas em algum lugar para, logo após, serem novamente armazenadas. Esse lugar de onde provêm as informações e para onde elas vão é chamado memória.

Jacques Le Goff descreve a memória como a “propriedade de conservar certas informações” e que nos remete, em primeiro lugar, a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.” (LE GOFF, 2003, p. 419). Essas informações atualizadas podem ser repassadas a outro(s) indivíduo(s) de diversas maneiras, dentre as quais ressaltamos o ato de contar histórias, o que requer o uso da memória tanto do contador quanto do ouvinte.

Aquele que conta retira de sua memória os componentes da narrativa e, em contrapartida, seu ouvinte armazena as informações à medida que se identifica melhor com aquilo que lhe está sendo transmitido. “Quanto mais o narrador conta sua história naturalmente, mais facilmente ela será guardada na memória do ouvinte, e, dessa forma, ele cederá à inclinação de contá-la um dia.” (BENJAMIM, 1994, p. 205). Assim, as histórias repassadas assumem o papel social de manter uma tradição.

A memória pode ser individual ou coletiva. No contexto de *Haroun e o Mar de Histórias* o que está em evidência é a memória coletiva, apesar de ela resumir-se em apenas uma pessoa: o contador de histórias Rashid Khalifa. Tal representação é plenamente possível e explicada por Jacques Le Goff, que ressalta a importância dos “[...] especialistas da memória, homens-memória: ‘genealogistas’, guardiões dos códices reais, historiadores da corte, ‘tradicionalistas’”; esses constituem “a memória da sociedade [...]” (LE GOFF, 2003, p. 425). Sua função de narrador e seu dom de envolver o público através de suas histórias apontam Rashid como o guardião da memória e da tradição de sua comunidade.

Nesse sentido, memória, tradição e oralidade se interligam tornando Rashid Khalifa o sujeito que, outrora silenciado, narra para enfrentar e desconstruir valores opressores, que negam e tentam silenciar vozes discursivas minoritárias. Salman Rushdie nos mostra que ouvir e contar histórias extrapolam os limites da fala e do tempo; pode vir a ser um ato político de resistência aos valores cristalizados em determinados grupos culturais.

Referências:

ALEXANDER, L.G. *Poetry and Prose Appreciation for Overseas Students*. London: Longman, 1976.

BENJAMIM, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, formas, figuras, cores, números*. 11. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1997.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 26. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5. ed. Campinas: UNICAMP, 2003.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005. RUSHDIE, Salman. *Haroun e o Mar de Histórias*. São Paulo: Schwarcz, 1998.

PAZ, Octavio. *Os Filhos do Barro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

RUSHDIE, Salman. *Haroun e o Mar de Histórias*. São Paulo: Schwarcz, 1998.

SILVA, Acildo Leite da. *Memória, Tradição Oral e a Afirmação da Identidade Étnica*. 27ª Reunião Anual da ANPED: Caxambu, 2004. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt21/t211.pdf>>. Acesso em: 24/05/2010.

Analice Sampaio é graduada em Letras inglês pela Universidade Estadual de Montes Claros. Atua como professora da educação básica ensinando língua inglesa.

Telma Borges possui graduação em Letras (1994), mestrado Teoria da Literatura (Uma arqueologia para Cesário Verde, 2000) e doutorado em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais, com estágio sanduíche na Universidade Nova de Lisboa. É autora do livro *A escrita bastarda de Salman Rushdie*, publicado em 2011 pela Annablume, resultado de seu doutorado. Atualmente é professora do mestrado e da graduação em Letras da Universidade Estadual de Montes Claros. É coordenadora adjunta do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários / Literatura Brasileira. Coordena o Grupo de Pesquisa Nonada, cadastrado no CNPq, no qual desenvolve o projeto Enciclopédia do Grande sertão, tendo como corpus Grande sertão: veredas, de João Guimarães. Tem vários artigos publicados em periódicos e como capítulos de livros. Organizou o livro *Ser Tao João*, editado em 2011 pela

editora Annablume. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Portuguesa, Teoria Literária e Literatura comparada, atuando principalmente nos seguintes temas: Camões, Cesário Verde, Guimarães Rosa, Salman Rushdie, Literatura Brasileira contemporânea: Milton Hatoum e Ronaldo Correia de Brito. Teoria da Literatura, Memória, Identidade, Gênero e Alteridade.